

O historiador no “reino das palavras”: a língua como arquivo, a palavra como fonte

Marcos Abreu Leitão de Almeida¹

Resumo: Além dos motivos apontados no parecer da lei 10.639/2003, que dizem respeito à importância da história afro-brasileira e africana para promoção de igualdade “étnico-racial” e melhor compreensão da história do país, os estudos africanos devem ser compreendidos como fundamentais à política científica das Ciências Humanas no Brasil, por terem sido responsáveis, na segunda metade do século XX, por trazerem novas questões epistemológicas e metodológicas a essas disciplinas, em especial à própria historiografia. Para superar o desafio de contar a história de sociedades e grupos sociais ágrafos ou desvelar processos históricos cuja profundidade temporal estava além da existência de registros escritos, historiadores de África fizeram avanços metodológicos consideráveis, através do esforço interdisciplinar. Neste artigo, busco mostrar a importância de se perceber a “língua como arquivo” para historiadores, sobretudo para aqueles que trabalham com grupos subalternos, povos sem escrita, ou processos muitíssimos recuados no tempo. Ao entender a “língua como um arquivo”, a historiografia sobre África teve papel predominante não apenas para retomar a utilização das evidências linguísticas como mais uma ferramenta do ofício do historiador, uma aposta que havia sido feita por Lucien Febvre, como desdobrou todas as capacidades deste contato interdisciplinar para levantar e buscar respostas a processos históricos de longa duração.

Palavras-chave: Historiografia. História da África. Metodologia. Linguística Histórica. História Social da linguagem.

Abstract: Besides the reasons mentioned in the sentence of the law 10.639/2003, concerning the importance of african-Brazilian and african history to promote “ethno-racial” equality and understanding the history of the country, the African studies should be understood as fundamental to science policy of the Social Sciences in Brazil, because they were responsible, in the second half of the twentieth century, for bringing new epistemological and methodological issues to these disciplines, particularly to historiography itself. To overcome the challenge of telling the history of agrapha societies and social groups or reveal historical processes whose depth was beyond the temporal existence of written records, historians of Africa have made considerable methodological advances through interdisciplinary effort. This paper attempts to show the importance of realizing the “language as a archive” for historians, especially for those working with subaltern groups, people

¹ Mestre em História Social (UNICAMP), especialista em História do Brasil (UFF).

without writing, or processes extremely retreated in time. By understanding the “language as a archive”, the historiography on Africa had a predominant role not only to restore the use of linguistic evidence as a tool to historian’s craft, a challenge that had been made by Lucien Febvre, but unfolded all the capabilities of this interdisciplinary contact to raise and seek answers to long-term historical processes.

Keywords: Historiography. History of Africa. Methodology. Historical Linguistics. Social History of Language .

Penetra surdamente no reino das palavras (...) Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível que lhe deres: Trouxeste a chave? “À procura da poesia” de Carlos Drummond de Andrade

Além dos motivos apontados no parecer da lei 10.639/2003, que dizem respeito a importância da história afro-brasileira e africana para promoção de igualdade “étnico-racial” e melhor compreensão da história do país, os estudos africanos devem ser compreendidos como fundamentais à política científica das Ciências Humanas no Brasil, por terem sido responsáveis, na segunda metade do século XX, por trazerem novas questões epistemológicas e metodológicas a essas disciplinas, em especial à própria historiografia.² Em linhas gerais, pode-se dizer que a crise epistemológica enfrentada pelas ciências humanas na década de 60 e 70 foi impulsionada por duas grandes re-orientações intelectuais. De um lado, o impacto do *linguistic turn* nas ciências humanas, e mais particu-

larmente na história, questionou de forma radical o paradigma realista dessas disciplinas, ao chamar a atenção para a dimensão narrativa do trabalho do historiador, e colocar em dúvida a validade destes textos terem referentes externos, de forma que pudessem ser um discurso de demonstração e prova.³ Por outro lado, os estudos sobre “grupos subalternos” e povos então tidos “sem história” expuseram o provincianismo de uma história universal centrada na Europa e nos seus grupos dominantes, e exibiu a necessidade urgente de revisão de alguns de seus conceitos mais caros, como, por exemplo, o conceito de *civilização*.⁴

Tendo um papel de destaque na promoção deste descentramento historiográfico, as pesquisas empíricas desenvolvidas sobre os diversos povos do continente africano não apenas adicionaram novos dados que poderiam ser co-

² BATES, Robert H., MUDIMBE, V. Y. e O'BARR Jean F.. *Africa and the Disciplines: The Contributions of Research in Africa to the Social Sciences and Humanities*. University Of Chicago Press, 1993.

³ Cf., entre outros: WHITE, Hayden. *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*. The Johns Hopkins University Press, 1975. SPIEGEL, Gabrielle M., org. *Practicing History: New Directions in Historical Writing after the Linguistic Turn*. New edition. Routledge, 2005

⁴ Cf., entre outros: GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Cia das letras, 2004 [1976] CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference (New Edition)*. Princeton University Press, 2007.

modamente integrados à uma narrativa histórica mundial, mas questionavam os próprios fundamentos conceituais que legitimavam a historiografia, contribuindo para o ceticismo epistemológico que caracterizou a disciplina durante o período.⁵ Neste movimento, para superar o desafio de contar a história de sociedades e grupos sociais ágrafos ou desvelar processos históricos cuja profundidade temporal estava além da existência de registros escritos, historiadores de África fizeram avanços metodológicos consideráveis, através do esforço interdisciplinar com a arqueologia, etnografia comparada e a história oral. Sobretudo, em um período em que o *mainstream* da historiografia estava emaranhando com o impacto do *linguistic turn* e seus pressupostos saussurianos, historiadores da África estavam de forma inovadora travando contatos interdisciplinares com outras vertentes da linguística que, naquele período, estavam em franca decadência nos departamentos da área: a linguística histórica. Ao fazê-lo, consolidavam aquilo que Lucien Febvre via como uma das maiores promessas para a historiografia do século XX: a língua como repositório das experiências humanas, e a capacidade de seus estudos de colocar e resolver problemas relativos à processos históricos.

Neste artigo, busco mostrar a importância de se perceber a “língua como

arquivo”⁶ para historiadores, sobretudo para aqueles que trabalham com grupos subalternos, povos sem escrita, ou processos muitíssimos recuados no tempo. Ao entender a “língua como um arquivo”, a historiografia sobre África teve papel predominante não apenas para retomar a utilização das evidências linguísticas como mais uma ferramenta do ofício do historiador, uma aposta que havia sido feita por Lucien Febvre, como desdobrou todas as capacidades deste contato interdisciplinar para levantar e buscar respostas a processos históricos de longa duração. Para tanto, vamos colocar as questões metodológicas e epistemológicas envolvidas nesta operação através do seu percurso historiográfico. Assim, busco mostrar a interação do grande historiador francês com os estudos sobre o indo-europeu, o grego e a história da língua francesa. Depois, apresento as primeiras interações da linguística histórica com a história da África a partir da questão da assim chamada “expansão banto” e suas contribuições metodológicas para a utilização de evidências linguísticas para a história. Finalmente, mostro como historiadores da África, como Christopher Ehret, Jan Vansina e outros pesquisadores bantuitas dialogaram com estas tradições para, renovando-as de maneira intensa e criativa, utilizar de forma profunda as potencialidades para o historiador de se entender a língua como um repositório de experiências humanas, tal

⁵ FEIERMAN, Steven. African histories and the dissolution of World History in: Bates, Mudimbe e O’BARR, op.cit., p. 169.

⁶ A expressão é de EHRET, Christopher. *History and the Testimony of Language*. University of California Press, 2010. p.3.

como apostava Lucien Febvre, tornando-se um exemplo impactante da importância metodológica da história da África para o conjunto da historiografia.

Lucien Febvre e a promessa da linguagem

O papel de Lucien Febvre na renovação do campo histórico é muito bem conhecido. Ao lado de Marc Bloch e outros historiadores, Febvre combateu a escola positivista, sua história centrada em indivíduos ilustres, no acotovelamento de eventos políticos e diplomáticos, cujas narrativas históricas eram produzidas a partir unicamente da crítica ao testemunho escrito. Em seu lugar, propôs uma história que problematizava as “grandes cadeias” e as “massas” de uma “civilização”, e que pusesse em primeiro plano os múltiplos aspectos da vida destes anônimos, como a religião, o cotidiano, suas relações econômicas e suas “ferramentas mentais”. Obviamente, a “história-problema” e abrangência de seus temas levaram a uma implosão da antiga noção de documento histórico, e o texto escrito não era agora mais do que um testemunho entre tantos outros. Para tanto, Febvre e Bloch travaram intenso contato com outras disciplinas das Ciências Humanas, como a antropologia, a sociologia e a economia. Menos conhecido, porém, é o papel capital que Febvre reputava à linguística de sua época.

O interesse de Febvre nessa área era duplo: por um lado, era o caminho para se fazer uma história social da língua e dos *patois* franceses. Por outro lado, o

estudo da linguagem era um meio através da qual o historiador poderia conhecer as “ferramentas mentais” de uma época. Em *Combates pela História* (1953), que reúne artigos diversos e metodológicos de Lucien Febvre, o autor exprime:

A tarefa dos historiadores é enorme, se eles quiserem fornecer aos psicólogos os materiais de que estes têm necessidade para elaborar uma psicologia histórica válida. (...) Pressupõe, para ser levada a bom termo, o estabelecimento de toda uma rede de alianças.

(...) A linguagem, essa outra via cardinal de acesso ao social no indivíduo? (...) É não menos necessária a colaboração de especialistas da semântica que, ao restituírem-nos a história de palavras particularmente carregadas de sentido, escrevam, ao mesmo tempo, capítulos exactos de história das idéias. É precisa a colaboração desses historiadores da língua – como Meillet, em relação à história da língua grega, como Ferdinand Brunot, que segue passo a passo os destinos da língua francesa – que observam o aparecimento, em determinadas datas, de todo um contingente de palavras novas ou de sentidos novos a palavras velhas.⁷

Os textos e artigos reunidos para formar o livro *Combates* têm em comum não apenas o papel capital que a linguística desempenha entre a “rede de alianças” do historiador, mas também o fato de a linguística com a qual Febvre entra em contato é, como bem coloca Regine

⁷ “Uma visão de Conjunto”, in: FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1989 [1953].

Robin, uma “linguística pré-estrutural, uma linguística histórica”⁸. No entanto, a linguística histórica a que Febvre se referia não se resumia simplesmente à história das línguas e à utilização do método comparativo para determinar a relação genética entre os idiomas indo-europeus, tal como era praticada no século XIX. Em realidade, o historiador era tão crítico desta linguística como o era da história positivista.⁹ Portanto, se Febvre conseguiu entender a linguagem como “via cardeal de acesso ao social” é porque ele incorporou à sua prática historiográfica a linguística de Antoine Meillet que, também sob a influência da sociologia de Durkheim, formulou pela primeira vez uma concepção social do falante e da língua.

Com efeito, ao postular que as condições sociais influíam decisivamente sobre a língua, Meillet unia história e estrutura linguística. Assim, as motivações para a mudança linguística deveriam ser buscadas nos processos históricos da sociedade de seus falantes. Decorre daí que o inverso também é verdadeiro,

ou seja: “Todo fato linguístico manifesta um fato de civilização” e que “as línguas servem para expressar a mentalidade de seus falantes (...)”.¹⁰ A importância para o linguista francês de se entender a língua como um fato social era tão grande que ele localizava a linguística entre as ciências sociais ou como um ramo da antropologia. Desta maneira, Meillet não apenas se distanciava das concepções de seus antecessores, como rejeitava a definição abstrata e imanentista de seu ex-professor Ferdinand de Saussure, cujas ideias foram editadas por seus alunos no livro *Curso de Linguística Geral*, que refundou o campo da linguística e consolidou o estruturalismo como a teoria hegemônica na área (e também nas Ciências Humanas) durante o século XX, muito embora a concepção social da língua tenha sido retomada posteriormente pelos sociolinguistas, como o norte-americano Labov.¹¹ Comparatista e um dos maiores especialistas no tronco linguístico indo-europeu, Meillet buscou comprovar sua teoria através do estudo do vocabulário das línguas indo-europeias e da reconstrução de proto-vocabulários, mostran-

⁸ ROBIN, Régine. *História e Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977, p.73.

⁹ “Ninguém melhor que Antoine Meillet se dedicou nestes últimos tempos a rebater o tenaz pressuposto da ‘filiação direta’, do ‘desenvolvimento linear’ que os historiadores - das instituições, por exemplo - conhecem bem, conhecem demasiado, pela parte que lhes toca. Ninguém mostrou melhor que nada se passava como se a língua se transmitisse pura e simplesmente de geração em geração, e todas as mudanças resultassem dessa transformação constantemente renovada. Ninguém, enfim, insistiu mais sobre o papel capital, sobre o jogo tão constante do empréstimo (...)”, “Antoine Meillet e a história”, in: FEBVRE, *Combates*, op.cit., p. 157.

¹⁰ MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris : H. Champion, 1948.

¹¹ MEILLET, op.cit., ; LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]; sobre o conflito entre as concepções formalistas e sociológicas da língua cf. CALVET, Jean-Louis. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002 [1993]. Para Calvet, “surge assim, desde da linguística moderna, em face de um discurso de caráter estrutural e insistindo essencialmente na forma da língua, outro discurso que insiste em suas funções sociais. E, durante quase meio século, esses dois discursos vão se desenvolver de modo paralelo, sem nunca se encontrar.”

do que a unidade e diferenciação dessas línguas expressava um quadro complexo de múltiplas variáveis sociais ao longo dos séculos e não simplesmente a transmissão monótona de geração em geração postulada por filólogos e linguistas do século XIX.

Aluno do grande linguista, Lucien Febvre via a potencialidade do trabalho realizado por Meillet para a renovação que o historiador queria promover no seu ofício. Partindo de uma definição eminentemente influenciada por Meillet (“Sendo a língua o fato social por exceção, ela reflete com uma fidelidade única geral da civilização nas diversas épocas”¹²), Febvre promovia toda uma agenda de pesquisa, a ser conduzida de forma interdisciplinar, através da utilização de evidências linguísticas para resolver problemas históricos. Onde os textos escritos não eram abundantes, via a aproximação dos historiadores aos estudos de dialetologia e de geografia linguística como um meio fecundo para abordar questões de povoamento, a história do direito, das instituições políticas, do regime de trabalho, da história rural e da própria atividade econômica de toda uma região. Ao resenhar o livro *Atlas Linguistique de la France*, publicado por J. Gilliéron e E. Edmont, Febvre observava que o trabalho dos autores, ao reconstituir as histórias das palavras, traçar suas origens, reconstruir seus significados e situá-las cronologicamente, deveria ser acompanhado pelos historiadores, “curiosos de métodos novos e

preocupados com tudo o que pode ajudá-los na sua tarefa específica (...)” e que estudos monográficos sobre “as palavras mais vulgares”, como “objetos familiares, o material corrente, as ações cotidianas da existência” seriam uma “rica e curiosa contribuição” à história da França.¹³ E por fim concluía: “nada que legitime mais, observe-se de passagem, estudos paralelos e mistos de técnica e de linguística de que já falamos: estudos de coisas e de palavras, *Worter und Sachen*, é o próprio título de uma revista, com um nome cheio de promessas.”¹⁴

Muito embora Febvre tenha utilizado algumas destas técnicas em suas obras, sobretudo em *O Problema da Incredulidade no século XVI*, a utilização pelos historiadores da linguística histórica, da dialetologia e da geografia linguística permaneceram não mais do que uma promessa no tempo de Febvre, e nas próximas gerações dos *Annales*, os historiadores da mentalidade, quando preocupados com a questão da linguagem, não seguiram o caminho do velho mestre.¹⁵ Ao invés disso, tornaram seus olhares para outros campos dos estudos da linguagem, como a análise do discurso, a semiótica e o estruturalismo. A realização daquilo que Febvre via como uma promessa para o estudo da história, portanto, teria de esperar por um grupo de historiadores especialistas em História da África, nos final dos anos 60.

¹² “Problemas de história enxertados no “Brunot”” in: FEBVRE, op.cit., p. 182.

¹³ “História e dialetologia” in: FEBVRE, *Combates...*, op.cit., pp. 151-155.

¹⁴ “Antoine e Meillet”, op.cit., p. 159.

¹⁵ cf. o livro FEBVRE, Lucien. *O Problema da Incredulidade no século XVI. São Paulo: Cia das Letras, 2009* [1942].

História da África como laboratório e o surgimento dos “historiadores-linguistas”

Estudiosos da linguística histórica não tardaram em começar seus estudos no continente africano. Em realidade, os estudos sobre as relações genéticas das línguas do sul da África tem como marco fundador a publicação, em 1862, da obra *A comparative Grammar of South African Languages* de Willhem I. Bleek.¹⁶ Utilizando o *Xhosa* como língua base de suas reconstruções, o autor alemão produziu um estudo comparado para mostrar a relação genética entre diversas línguas que ocupavam uma parte considerável da África ao sul do equador. Seguindo os paradigmas românticos e racialistas, que uniam raça e linguagem como facetas da unidade nacional, Bleek cunhou o termo *Bã-ntu* para designar distintos povos, reificando suas semelhanças linguísticas em uma categoria étnica.¹⁷ No final do século, os poucos estudiosos da questão reuniram evidências suficientes para postular que tais línguas tinham um ascendente comum, o “Ur-banto” ou “proto-banto”. A partir daí, o campo de estudos bantuístas buscou não apenas descrever o “proto-Banto” e suas

línguas descendentes, mas também explicar o(s) processo(s) histórico(s) através do qual elas acabaram por dominar a paisagem africana meridional, de leste a oeste.

Embora Bleek já percebesse a possibilidade da “filologia comparada” de contar história sobre a “descendência” e “mistura” das “diferentes nações” que habitavam a “África Austral”¹⁸, o polímata britânico H. Johnston foi o primeiro a se interessar pelo estudo das línguas africanas para elucidar questões eminentemente históricas, o que, no caso, significava lidar com a questão da “expansão Banto”.¹⁹ De fato, o “problema da expansão banto” foi a força motriz para se fazer inferências históricas das evidências linguísticas. Afinal, obviamente sem documentos escritos em que pudessem se apoiar e com poucos sítios arqueológicos encontrados, historiadores tornavam seus olhares para o trabalho dos linguistas.

Este foi precisamente o caso do que aconteceu no SOAS (*School of oriental and african studies* em Londres) na década de 1950: quando o linguista Malcolm Guthrie realizava sua monumental reconstrução de 2.300 vocábulos do Protobanto, seu colega, o historiador Roland Oliver, instigou-o a perceber a importância de sua pesquisa para os estudos históricos.²⁰ Guthrie postulou então que a região onde tivesse a maior

¹⁶ BLEEK, Wilhelm Heinrich Immanuel. *A Comparative Grammar of South African Languages*. Trübner, 1862.

¹⁷ Sem dúvida, ao assim proceder, Bleek era informado não apenas pelos pressupostos intelectuais de sua época, influenciado por seu professor Lepsius, renomado filólogo e racista, mas também pela situação política dos “alemães” pré-unificação. Cf. VANSINA, Jan, “Bantu in the Crystal Ball, I,” *History in Africa* 6 (January 1, 1979): 287-333.

¹⁸ BLEEK, op.cit. p.VII.

¹⁹ JOHNSTON, Harry. *A comparative study of the Bantu and semi-Bantu languages*. Londres: Clarendon Press, 1919.

²⁰ VANSINA, Bantu in the Cristal Ball, op.cit., p.291.

retenção de reflexos²¹ dos vocábulos de protobanto deveria ser a origem da sua comunidade de falantes. Como encontrou a região de Catanga, ao sul da floresta equatorial, como a origem da comunidade protobanto, Guthrie pensava ter encontrado uma evidência suficiente para questionar o trabalho do linguista americano Joseph Greenberg que, anos antes, havia classificado todas as línguas e troncos linguísticos existentes na África.²² Através da “comparação lexical em massa”, da identificação de semelhanças sons-significados e de “inovações compartilhadas”, Greenberg estabeleceu a classificação dos troncos linguísticos africanos de maneira geral aceita até hoje, posicionando a família banto com um sub-sub-sub grupo do tronco Níger-Congo, e estabelecendo seu lugar de origem ao sul de Camarões.²³ Disso resultou um importante debate nas páginas do periódico *Journal of African History*. Oliver, sem querer descartar as conclusões de Greenberg e de Guthrie,

interpretou-as como sendo dois momentos distintos no tempo: Recuperando o modo de viver da comunidade a partir dos vocabulários reconstruídos de Guthrie, que envolviam campos semânticos em torno da pesca, do ferro, etc, Oliver postulou que a comunidade protobanto primeira estava estabelecida no sul do Camarões, depois ultrapassou a floresta equatorial para chegar em Catanga.²⁴

Em 1972, a réplica de Greenberg no mesmo periódico encerrou a questão ao rebater o artigo de Oliver mostrando, sobretudo, que a pressuposição de Guthrie que relaciona a maior percentagem de retenção dos “vocábulos-raízes” com o lugar de origem dos falantes de protobanto está equivocada. Em realidade, é exatamente o contrário: a área com menor percentual de vocábulo-raízes é o espaço em que ocorreu mais inovações e, portanto, era a mais antiga, embora concordasse com Guthrie em relação à subsequente divisão em duas línguas da comunidade proto-banto.²⁵

Conforme afirma Vansina, cada avanço no estudo comparativo das línguas banto ocorreu devido às inovações nos métodos e técnicas da linguística: primeiro, o método comparativo e sua análise da regularidade relativa da mudança fonológica, de-

²¹ Reflexos são palavras etimologicamente ligadas a uma palavra mais antiga.

²² GUTHRIE, Malcolm, *The classification of the Bantu languages*. London: Oxford University Press for the International African Institute, 1948; *Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages*. 4 vols. (Farnborough: Gregg Press. 1967-71)

²³ GREENBERG, Joseph H., “The Classification of African Languages,” *American Anthropologist* 50, no. 1, New Series (January 1, 1948): 24-30; “Studies in African Linguistic Classification: VIII. Further Remarks on Method: Revisions and Corrections,” *Southwestern Journal of Anthropology* 10, no. 4 (December 1, 1954): 405-415; “Studies in African Linguistic Classification: III. The Position of Bantu,” *Southwestern Journal of Anthropology* 5, no. 4 (December 1, 1949): 309-317.

²⁴ OLIVER, Roland, “The Problem of the Bantu Expansion,” *The Journal of African History* 7, no. 3 (January 1, 1966): 361-376.

²⁵ GREENBERG, Joseph H., “Linguistic Evidence Regarding Bantu Origins,” *The Journal of African History* 13, no. 2 (January 1, 1972): 189-216.

pois a “comparação lexical em massa” e a análise da “inovação compartilhada” de Greenberg e, finalmente, na década de 1970, o impacto dos estudos léxico-estatísticos.²⁶ A década de 70 também assistiu a emergência daquilo que depois ficou conhecido o “historiador-linguista”²⁷: alguns historiadores da África não apenas acompanhavam o trabalho dos linguistas, mas se apropriaram de suas técnicas para recuperar o passado humano.

Certamente um dos historiadores pioneiros desta tendência é o historiador americano Christopher Ehret. Por um lado, Ehret fora influenciado pelos estudos de linguistas e arqueólogos sobre o indo-europeu. Por outro lado, acompanhava os trabalhos dos linguistas ligados aos estudos dos nativos americanos, especialmente Edward Sapir e Morris Swadesh.²⁸ Este último criou o método léxico-estatístico que envolve a comparação quantitativa de cognatos, a partir do cotejo de 100 ou 200 vocábulos considerados básicos das línguas analisadas, visando não apenas estabelecer uma árvore genealógica para as línguas envolvidas, acompanhando os processos de divergência, como determinar a

cronologia destas divergências a partir da utilização da glotocronologia. O pressuposto é de que quanto menos cognatos as línguas partilharem mais distantes elas são uma das outras e que a diminuição destes cognatos, decorrente da mudança aleatória nos vocabulários básicos, ocorre em padrões regulares no tempo, sendo possível determinar uma *estimativa* para a cronologia das divergências das línguas.²⁹

A partir destas técnicas, Ehret começou a construir modelos interpretativos e procedimentos analíticos para utilizar as evidências linguísticas para o historiador. Em 1968, publicou “Linguistic as a tool for historians”.³⁰ Na década de 1970, Ehret retornou à questão metodológica propondo maneiras de correlacionar as evidências linguísticas com dados arqueológicos. Dizendo que “despite its respectable pedigree, historical reconstruction from language evidence has never been used to the full”, Ehret via nos estudos africanos, onde a documentação escrita e dados arqueológicos rareavam conforme o recuo do tempo, o espaço em que “the full potential of linguistic evidence as a historical source is beginning to emerge”.³¹

²⁶ VANSINA, op.cit., p.294.

²⁷ A expressão é de Kairn KLIEMAN em Roland OLIVER, Thomas SPEAR, Kairn KLIEMAN, Jan VANSINA, Scott MACEACHERN, David SCHOENBRUN, James DENBOW, et al. “Comments on Christopher Ehret, ‘Bantu History: Re-Envisioning the Evidence of Language’”. *The International Journal of African Historical Studies* 34, nº 1 (janeiro 1, 2001): 43-81.

²⁸ EHRET, Christopher, “A Conversation with Christopher Ehret,” *World History Connected*, November 2004, www.worldhistoryconnected.press.illinois.edu/2.1/ehret.html > (27 Jul. 2012);

²⁹ SWADESH, Morris. “Lexico-statistic dating of pre-historic ethnic contacts: with special reference to North American Indians and Eskimos”. *Proceedings of the American philosophical society* 96, nº 4 (1952): 452–463. “Archeological and Linguistic Chronology of Indo-European Groups”. *American Anthropologist* 55, nº 3. New Series (1953): 349-352.; “Towards Greater Accuracy in Lexicostatistic Dating”. *International Journal of American Linguistics* 21, nº 2 (abril 1, 1955): 121-137.

³⁰ EHRET, Christopher. “Linguistic as a tool for historians” in: B.A. Ogot (ed), *Hadith*. Nairobi: East African Publishing House for Historical Society of Kenya, 1968.

³¹ EHRET, Christopher. “Linguistic Evidence and Its Correlation with Archaeology”. *World Archae-*

Para Ehret, utilizar o “potencial completo das evidências linguísticas” para história significava não apenas estabelecer uma árvore genética e um ancestral comum para todas as línguas, mas sim utilizá-las a serviço de um problema historiográfico. Afinal, a partir da árvore genealógica de línguas de determinada região e sua distribuição em um mapa é possível estabelecer relações sociais entre comunidades, inferir rotas de migração e propor uma cronologia para estes processos. Este procedimento torna possível reconstruir, para cada língua-mãe da árvore, o seu vocabulário. Dado que a mudança fonológica obedece a padrões regulares e afeta todas as palavras presentes na língua naquele momento, é possível determinar quais palavras foram herdadas, quais foram recentes inovações e quais foram tomadas de empréstimos, e quando isto tudo ocorreu.

Por exemplo, a partir destes métodos, é possível notar o aparecimento de um termo *mwéné* (“senhor de”, “dono de”) que testemunha o desenvolvimento, na região do baixo Congo, de um novo papel social, o de “chefe supremo”, e o advento de instituições territorialmente mais abrangentes, como o “principado”.³² Por outro lado, termos encontrados na África Centro-Ocidental para “escravo”, *mvika* (quicongo), *mubika* (quimbundo), *upika* (umbundo) são cognatos e sua história remete ao período protobanto (*-

ology 8, nº 1 (junho 1, 1976): 5-18, p.6.

³² VANSINA, Jan M. *Paths in the Rainforests: Toward a History of Political Tradition in Equatorial Africa*. University of Wisconsin Press, 1990. p.149

pika), muito embora o significado tenha mudado ao longo do tempo, dependendo das circunstâncias sociais de cada comunidade de fala da enorme região que seus reflexos podem ser encontrados.³³ No caso da África Centro-Ocidental, eram os indivíduos assim categorizados que eram repassados aos negociantes negreiros do tráfico trans-Atlântico. Por fim, rotas de comércio interior podem ser reconhecidas se seguirmos o caminho dos empréstimos de palavras. O pressuposto é que, quando tomamos de empréstimo uma *coisa*, tomamos também a *palavra* com que é chamada. Por exemplo, é possível mostrar um dos caminhos da introdução do milho (uma planta americana) na África pelo baixo rio Congo se seguirmos pelo interior do continente o termo que os habitantes da costa deram ao novo produto: *-putu*.³⁴

Para compilar dados linguísticos, historiadores podem utilizar fontes tanto escritas quanto orais. Como exemplos do primeiro tipo, podemos elencar dicionários, vocabulários e gramáticas. Neste caso, deve-se buscar fazer uma crítica ao testemunho para reconstituir antes a lógica social do texto e observar de que

³³ VANSINA, Jan. “Deep-down Time: Political Tradition in Central Africa”. *History in Africa* 16 (janeiro 1, 1989): 341-362. KLIEMAN, Kairn *Hunters and Farmers of Western Equatorial Forest: economy and society, 3000b.c.-A.D. 1880*. UCLA, 1997. ALMEIDA, Marcos Abreu Leitão. *Ladinos e boçais: o regime de línguas do contrabando de africanos (1831-c.1850)*. UNICAMP, 2012.

³⁴ KLIEMAN, Kairn A. “The Pygmies Were Our Compass”: *Bantu and Batwa in the History of West Central Africa, Early Times to c. 1900 C.E.* Heinemann, 2003.

maneira as palavras foram coligidas e registradas pelo compilador. Questões do tipo “como”, “quando” e “onde” são fundamentais para o historiador avaliar a qualidade das evidências que estão sendo reunidas. Afinal, as condições podem variar: palavras colecionadas através de um falante não-nativo ou registradas sem atenção à fonologia e o nível de treinamento linguístico do observador podem comprometer a qualidade da evidência. Não raro a dificuldade de comparar, fundamental para o método, também aparece, pois pode ser que uma palavra compilada em uma língua por um agente não seja registrada por outro em outra língua. A despeito dessas possíveis dificuldades, as fontes escritas, quando existentes, são fundamentais. No entanto, o historiador pode (e deve) ir à campo para compilar os dados através de entrevistas com informantes falantes nativos das línguas investigadas, que é, se o historiador for treinado, a melhor maneira de coligir o vocabulário necessário.

Como mostrado aqui, o impacto destes trabalhos para história é conhecido desde de Lucien Febvre. Através da história das palavras, das suas mudanças de sentido, de forma, e de seu percurso geográfico torna-se possível conhecer questões políticas, econômicas, sociais e culturais de sociedades de determinada região e acompanhar seu processo histórico. Assim, o grande mérito de Ehret é menos chamar a atenção para as evidências linguísticas para o historiador, do que fornecer um conjunto de metodologias para utilizar todo o seu

potencial para a pesquisa histórica. Além disso, uma das grandes contribuições de Ehret para o campo é mostrar que os empréstimos linguísticos tendem a cair em padrões definidos que variam em velocidade, extensão e quantidade no léxico e que estes padrões por sua vez expressam padrões históricos de contatos entre duas sociedades, como guerra, comércio e domínio.

Tais estudos, quando relacionados com dados arqueológicos e análises etnográficas, demoliram a ideia da impossibilidade de se fazer narrativas históricas de longa duração no continente africano que levasse em conta o período pré-colonial. Sem querer apresentar uma lista exaustiva, basta citar os trabalhos de Jan Vansina sobre a tradição política na floresta equatorial e a história política em Angola antes de 1600, o trabalho de Kairn Klieman sobre a relação entre os batwa, então chamados de pigmeus, e os povos bantos e a longa história dos povos dos grandes lagos antes de 1600 contada por David Schoenbrun.³⁵

Da África para o mundo, mais uma vez

Desde a década de 1960 e 1970 historiadores travam inúmeras formas de contato com a questão da linguagem

³⁵ VANSINA, Paths..., op.cit. e . *How Societies Are Born: Governance in West Central Africa before 1600*. University of Virginia Press, 2005. ; KLIE-MAN, “The Pygmies...”, op.cit.; SCHOENBRUN, David L. *A Green Place, A Good Place: Agrarian Change and Social Identity in the Great Lakes Region to the 15th Century*. Heinemann, 1998.

e da comunicação. O *linguistic turn*, a história do discurso político e de seus “contextos linguísticos”, a “história dos conceitos” e, mais recentemente, a história social da linguagem são algumas iniciativas importantes deste contato interdisciplinar.³⁶ Mais próxima desta última, mas a ela não se atendo, a utilização dos métodos da linguística histórica para recuperar indícios das sociedades de seus falantes oferece outra abordagem que permite o historiador entender a língua como um extenso e vivo arquivo, cujos documentos são as milhares de palavras que compõem o léxico.³⁷

A historiografia sobre África, funcionando como uma espécie de laboratório de ponta, teve papel predominante não apenas para retomar a utilização das evidências linguísticas como mais uma ferramenta do ofício do historiador, uma aposta que havia sido feita por Lucien Febvre, como desdobrou todas as capacidades deste contato interdisciplinar para levantar e buscar respostas a processos históricos de longa duração. Estes métodos podem e devem ser utilizados com proveito em quaisquer áreas ou períodos em que a documentação escrita é escassa, ou mesmo para o estudo de grupos sociais, mormente os subalternos e os “de baixo”, que deixaram poucos registros escritos. A história da América do Sul antes dos portugueses ou da diá-

pora africana são apenas alguns exemplos de áreas em que as evidências linguísticas podem ser utilizadas.³⁸ É bem verdade que os historiadores devem cruzar fronteiras disciplinares pouco desbravadas como a linguística histórica, a sociolinguística e a fonologia. Contudo, esta operação não é distinta dos historiadores demográficos que utilizam a estatística ou de historiadores da literatura que fazem uma crítica literária para trabalhar com obras literárias como fontes históricas.

Ao perceber a língua como um arquivo em que estão depositadas as experiências acumuladas de seus falantes, as palavras e suas histórias adquirem a possibilidade de serem tratadas como fontes históricas, adequando-se sem problemas

³⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/ed.Puc-rio, 2006 [1979]; POCKOCK, J.G.A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2003. BURKE, Peter e PORTER, Roy. *A história social da linguagem*. São Paulo: ed.Unesp, 1996

³⁷ EHRET, Christopher. *History and the Testimony of Language*. Los Angeles: University of California Press, 2010.

³⁸ Denny Moore e Luciana Storto, por exemplo, conclamam a utilização destes métodos para a história indígena da Amazônia, cf. MOORE, Denny & STORTO, Luciana. As línguas indígenas e a Pré-História in: PENA, Sérgio. (org.) *Homo Brasilis: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002. Robert Slenes tem utilizado, de forma pioneira no Brasil, evidências linguísticas para desvendar a perspectiva étnica dos centro-africanos escravizados no Brasil durante o século XIX. Cf., por exemplo, SLENES, Robert. “Malungu, Ngoma Vem!: África coberta e descoberta no Brasil”. REVISTA USP, São Paulo, v. 12, p. 48-67, 1992; A grande greve do crânio Tucuxi: espírito das águas centro-africanas e identidade escrava no início do século XIX no Rio de Janeiro. In: HEYWOOD, Linda M. (Org.). *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005; “Eu venho de muito longe, eu venho cavando”: jongueiros cumba na senzala centro-africana. In: LARA, Sílvia; PACHECO, Gustavo. *Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein*, Vassouras, 1949. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2007; “L’arbre Nsanda replanté: cultes d’affliction kongo et identité des esclaves de plantation dans le Brésil du Sud-Est entre 1810-1888”, Cahiers du Brésil Contemporain (EHESS, Paris), n.67/68, 2007, 2 vols. P.217-313, 2007

à definição de documento/monumento. Ao assim proceder, o “Ogro da lenda”, como diria Marc Bloch, penetra, enfim, no “reino das palavras”.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Marcos Abreu Leitão. *Ladinos e boçais: o regime de línguas do contrabando de africanos (1831- c.1850)*. UNICAMP, 2012.

BATES, Robert H., V. Y. MUDIMBE, e O'BARR Jean F.. *Africa and the disciplines: the contributions of research in Africa to the Social Sciences and Humanities*. University Of Chicago Press, 1993.

BLEEK, Wilhelm Heinrich Immanuel. *A comparative grammar of South African languages*. Trübner, 1862.

BURKE, Peter e PORTER, Roy. *A história social da linguagem*. São Paulo: Ed. Unesp, 1996.

CALVET, Jean-Louis. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Párola, 2002 [1993].

CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference (New edition)*. Princeton University Press, 2007.

GREENBERG, Joseph H. “The classification of african languages”, *American Anthropologist* 50, no. 1, New Series (January 1, 1948): 24-30.

_____. “Studies in african linguistic classification: VIII. Further remarks on method: revisions and corrections”, *Southwestern Journal of Anthropology* 10, no. 4 (December 1, 1954): 405-415.

_____. “Studies in african linguistic classification: III. The position of Bantu,” *Southwestern Journal of Anthropology* 5, no. 4 (December 1, 1949): 309-317.

_____. “Linguistic evidence regarding Bantu origins,” *The Journal of African History* 13, no. 2 (January 1, 1972): 189-216.

GUHTRIE, Malcolm. *The classification of the Bantu languages*. London: Oxford University Press for the International African Institute, 1948.

_____. *Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages*. 4 vols. (Farnborough: Gregg Press. 1967–71).

EHRET, Christopher . “Linguistic as a tool for historians” in: B.A. Ogot (ed), Hadith. Nairobi: East African Publishing House for Historical Society of Kenya, 1968.

_____. “Linguistic evidence and its correlation with Archaeology”. *World Archaeology* 8, nº 1 (junho 1, 1976): 5-18, p.6.

_____. *History and the testimony of language*. University of California Press, 2010.

- _____. "A conversation with Christopher Ehret," *World History Connected*, November 2004, www.worldhistoryconnected.press.illinois.edu/2.1/ehret.html (27 Jul. 2012).
- FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI*. São Paulo: Cia das Letras, 2009 [1942].
- _____. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1989 [1953].
- FEIERMAN, Steven. African histories and the dissolution of World History in: BATES, Robert H., V. Y. MUDIMBE, e O'BARR Jean F.. *Africa and the disciplines: the contributions of research in Africa to the Social Sciences and Humanities*. University Of Chicago Press, 1993.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Cia das letras, 2004 [1976].
- JOHNSTON, Harry. *A comparative study of the Bantu and semi-Bantu languages*. Londres: Clarendon Press, 1919.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- KLIEMAN, Kairn. *Hunters and farmers of western equatorial forest: economy and society, 3000b.c.-A.D. 1880*. UCLA, 1997.
- _____; OLIVER, Roland; SPEAR, Thomas; VANSINA, JAN; MACEACHERN, Scott. SCHOENBRUN, David. DENBOW, James et al. "Comments on Christopher Ehret, 'Bantu History: Re-Envisioning the Evidence of Language'". *The International Journal of African Historical Studies* 34, nº 1 (janeiro 1, 2001): 43-81.
- _____; "The Pygmies were our compass": *Bantu and Batwa in the History of West Central Africa, early times to c. 1900 C.E.* Heinemann, 2003.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed.Puc-Rio, 2006 [1979].
- MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris : H. Champion, 1948.
- MOORE, Denny & STORTO, Luciana. *As línguas indígenas e a Pré-História* in: PENA, Sérgio. (org.) *Homo Brasilis: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002.
- OLIVER, Roland. "The problem of the Bantu expansion," *The Journal of African History* 7, no. 3 (January 1, 1966): 361-376.
- POCOCK, J.G.A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- ROBIN, Régine. *História e Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- SCHOENBRUN, David L. *A green place, a good place: agrarian change and social identity in the Great Lakes region to the 15th Century*. Heinemann, 1998.